

Subiu a larga escadaria entre murais de Pompeia mais do que ligeiramente reminiscentes do caminho que não leva à salvação e entrou numa grande sala que mais pare-cia um banco. Estava mobilada com secretárias para contabilistas, tesoureiros e guarda-livros, que permaneciam todos ainda na cama. No meio da sala estava uma secretária do tamanho de um altar, bastante semelhante a um órgão com inúmeras teclas – as teclas consistindo, neste caso, num teclado completo de botões ligados a um sistema telegráfico e tubos que comunicavam com todas as divisões do edifício. Lá parado, um homem grande, com botas de montar, clericais mãos brancas e a sua batina apertada simplesmente por um botão junto à garganta, de modo que mais parecia uma capa militar. Com a cara verdadeira colocada por engano numa gaveta de escrivaninha ou numa mala, completara a indumentária com uma máscara que representava o rosto de um capitão marítimo. O homem chicoteava as suas botas brilhantes com uma chibata de montar, cujo cabo era, simbolicamente, feito de um casco de cavalo. E fumava um forte charuto que mascava vigorosamente para dar algo que fazer à boca; ou assim parecia. Falk olhou para ele com estupefacção.

Então era aquele o último grito em pessoas do seu género, pois existem modas nas pessoas, como em tudo o resto! Era aquele o grande evangelista que conseguira actualizar o pecado e colocar na berra ansiar pela graça, ser inútil, pobre e desgraçado – em resumo, mau em todos os aspectos. Aquele homem tornara a salvação uma moda! Criara um evangelho para a sociedade da moda representada na Stora Trädgårdsgatan! Alcançar a graça tornara-se um desporto! Faziam-se competições de pecado, em que o maior pecador ganhava o prémio; organizavam-se caçadas para pobres almas que precisavam de salvação; e, há que admitir, procuravam também vítimas sacrificiais, com quem podiam praticar a virtude ao sujeitá-las à mais brutal das caridades.

//